

Aliança depende apenas de aval

ANDREI MEIRELES

O PSDB, o PDT e o PMDB já se acertaram sobre as bases mínimas para um acordo com a Frente Brasil Popular que resultaria no apoio efetivo dos três partidos à candidatura Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República. Em reunião permanente em Brasília, a cúpula do PSDB aguardava ontem à noite a chegada de São Paulo do interlocutor do PT, Plínio de Arruda Sampaio, para examinar se há condições reais de uma negociação. Caso a resposta do PT fosse insatisfatória, a tendência da direção dos "tucanos" seria recomendar hoje, ao Diretório Nacional, que se reúna a partir das 10h00 no Auditório Nereu Ramos da Câmara dos Deputados, uma postura de independência no segundo turno.

Um eventual fracasso do entendimento entre o PT e o PSDB repercutirá, à tarde, no Rio de Janeiro, quando Lula se reunirá com o ex-governador Leonel Brizola. É que nos últimos dias, os líderes do PDT, do PSDB e do PMDB têm se reunido várias vezes, quando estabelecem as condições para seus partidos integrarem uma frente progressista de apoio a Lula. O deputado Ulysses Guimarães coordena os entendimentos pela parte do PMDB, tendo se reunido

com os líderes Fernando Henrique Cardoso e Euclides Scalco na quinta-feira à noite e, separadamente, com o líder do PDT, deputado Vivaldo Barbosa. Ulysses consultou, também, por telefone, o deputado Roberto Freire, do PCB.

O deputado Ibsen Pinheiro, líder do PMDB, foi, ontem, à tribuna, transmitir um recado, com o aval do PDT e do PSDB, ao comando da campanha de Lula: "O PT tem de decidir se quer o apoio da maioria da Nação ou sectariamente ficar num gueto". Ibsen fez questão de elogiar o comportamento e as posições de Plínio de Arruda e de Lula, mas condenou, com veemência, as restrições a líderes do PMDB feitas por dirigentes regionais do PT e até por dirigentes nacionais integrantes de correntes minoritárias no partido.

Em reunião na residência do senador José Richa, a cúpula dos tucanos definiu duas preliminares para uma negociação com o PT: não aceita vetos a nenhum integrante do partido e também não concorde com a formação de um bloco de forças políticas. O PSDB entra enquanto partido na campanha de Lula ou simplesmente não entra. Essas exigências foram levadas a São Paulo por Plínio de Arruda Sampaio para a discussão interna na direção do PT.

Superadas as preliminares, o PSDB, o PDT e o PMDB tentarão modificar alguns pontos do programa de governo de Lula, com o propósito de transformá-lo em mais aceitável para as suas bases. O PT já deu sinais de que aceita modificações desde que elas não desvirtuem os seus compromissos básicos de campanha. Scalco, Vivaldo e Ibsen Pinheiro decidiram, em nome de seus partidos, que, em caso de negociações programáticas, desenvolverão uma ação comum em busca de propostas consensuais.

Scalco assegurou, ontem, que o documento publicado por vários jornais com sérias críticas ao programa de governo da Frente Brasil Popular não expressa a posição dos tucanos. Na realidade, o documento foi elaborado pelos economistas Edmar Bacha e Bresser Pereira, com o aval dos senadores Fernando Henrique Cardoso e José Richa, como orientação a toda a direção do PSDB, mas sofreu sérias restrições da ala esquerda do partido.

Caso o entendimento com Plínio de Arruda não seja satisfatório, a provável opção por uma postura do PSDB de independência no segundo turno deverá provocar um racha no partido: sua ala esquerda não abre do apoio a Lula no segundo turno.